

TEIXEIRA, Ivan. *O altar e o trono*. Dinâmica do poder em “O alienista”. Cotia; Campinas: Ateliê Editorial; Unicamp, 2010.

Por

*Marcello Moreira*

Ivan Teixeira, em seu novo livro, que aqui se comenta, propõe uma nova interpretação de “O alienista”, em que, a par de ampla revisão bibliográfica da recepção crítica da obra, propõe nova interpretação que se funda na consideração das controvérsias históricas de que o texto machadiano participa quando de sua escritura e primeira publicação, quais sejam, a querela entre ciência médica e teologia moral concernente à beneficência das almas dos sujeitos de um Estado que se quer crescentemente laicizado, mas em que a Igreja tem forte autoridade. Essa querela, segundo Teixeira, é evidente na dissensão entre Simão Bacamarte e o padre Lopes, ambos desejosos de ratificar a autoridade, um, da ciência, o outro, a da teologia, com vistas a produzir um determinado controle da cidade baseado em princípios de ordenação divergentes, fundados em uma diferente *ratio*. A alegorização da dissidência entre Estado e Igreja, segundo Teixeira, tópica central da obra machadiana em discussão, constituía um dos elementos recorrentes no “repertório cultural do período”, apropriado pelo escritor para discutir questões fundamentais respeitantes à vida em sociedade, como aquela do poder e das condições de sua institucionalização e exercício. Teixeira ainda propõe que “O alienista” mimetize referenciais discursivos circulantes no período de sua escritura, como aqueles que diziam respeito à Questão Religiosa (1872-1875), que implicou a submissão de Dom Pedro II ao poder do clero internacional. Segundo Teixeira, as caricaturas que satirizavam a diferença entre a *fortitudo* corpulenta do clero e a fraqueza e tibieza dos partidos políticos, fossem

eles conservadores ou liberais, são retomadas por Machado de Assis para a produção de análogos literários.

O livro de Teixeira apresenta ao leitor excelentes mostras das caricaturas que abordaram a Questão Religiosa e que serviram, segundo ele, para a produção da derrição machadiana. Com esse procedimento de mimese, Teixeira não quer, por outro lado, subordinar a escrita ficcional à história ou afirmar que a ficção esteja condicionada ao real, mas sim que “O alienista” mimetiza outros referenciais discursivos de seu tempo, mesmo aqueles de natureza iconográfica, que, normalmente, estavam associados a elementos paratextuais de cunho didascálico, que serviam para circunscrever o sentido político das imagens reduzindo desse modo sua ambiguidade.

Essa querela entre Estado e Igreja desdobra-se em meio a outras discussões sobre pontos capitais da organização da sociedade brasileira do Segundo Reinado, conquanto Machado de Assis produza, como o diz Teixeira, no passado colonial de um país independente o “palco de sombras de sua novela alegórica” que resume o problema de fundação de nosso país.

Em “O alienista”, Machado de Assis critica a irracionalidade da exacerbação do desejo de autoridade médica, religiosa, política e popular, tornando evidente que a adesão ao abandono das virtudes é que é a verdadeira insânia.

Voltando à Questão Religiosa, Teixeira expõe uma excelente interpretação do final de “O alienista”, quando o padre Lopes dá o xeque-mate em Simão Bacamarte, demonstrando que o alienado era ele, o que não quer dizer que se deva crer ter sido ele louco desde o início, como propuseram muitos intérpretes da obra; a insânia do médico é uma reviravolta em que se evidencia que a racionalidade das instituições civis não bastaria para o estabelecimento de padrões comportamentais plenamente aceitáveis. Segundo Teixeira, a palavra final de padre Lopes em matéria de loucura, com alijamento da autoridade propriamente civil, médica e científica metaforiza os desentendimentos do clero com o Estado imperial brasileiro entre 1872 e 1875. O aparente prestígio da ciência e o poder da sociedade civil mascaram na verdade “a camaleônica autoridade da Igreja” que dá o veredito sobre a insanidade do alienista, destituindo-o de sua autoridade. A figura do alienista seria desse modo uma alusão ao imperador, que, como ele, teria mandado abrir um hospício, e que teve de ceder à pressão do clero na questão com os bispos, assim como Simão cede perante o padre Lopes.

Segundo argumento central na proposta interpretativa de Teixeira, ao incorporar o pensamento ilustrado da década de 70 do século XIX, posicionando-se contra a doutrina de Pio IX e contra a intromissão da Igreja na organização política do Estado, Machado de Assis satirizaria essa mesma intromissão na figura do embusteiro padre Lopes, que criava artifícios para controlar o ingresso de pessoas na Casa Verde. Como se sabe, Pio IX, por

meio da encíclica *Quanta Cura*, visava à reconquista e à intensificação do poder espiritual da Igreja sobre setores autônomos e libertinos da sociedade. Anexo à encíclica encontrava-se um *Syllabus*, em que se listavam os presumíveis oitenta principais excessos de liberdade ou erros do poder civil contemporâneo, como o casamento civil, o liberalismo, o racionalismo etc. O *Syllabus* proscovia a liberdade de divulgação de ideais, quando estas divergissem dos dogmas católicos, e repudiava o princípio de que a vontade do povo manifestada pela chamada opinião pública pudesse constituir lei suprema. A encíclica promovia o ideário de que a Igreja teria autoridade tanto em questões de matéria eclesiástica quanto em termos de matéria civil. Esse pano de fundo explicaria, segundo Teixeira, as dissensões evidentes em “O alienista” entre Simão Bacamarte e padre Lopes.

A representação dos caracteres, em “O alienista”, segundo Teixeira, apresenta matriz retórica, já que se basearia em Teofrasto, não se podendo, por essa razão, dizer que se trate de tipos com singularidade psicológica ou densidade existencial, pois que o texto machadiano opera com tipos e situações que representam ideias gerais, sendo de natureza própria da *écfrase* e da *etopeia*. Cada caractere apresenta um conjunto de sintomas ou sinais que evidenciam um vício e, desse modo, a figuração do particular para representar o abstrato é recorrente na técnica machadiana.

Apesar de fortemente retoricizado, “O alienista” condena o excesso de eloquência empregado pelas principais personagens para influir na opinião pública, excesso esse objeto de riso por parte do narrador, que, no entanto, é também ele engenhosissimamente eloquente. O texto literário, segundo Teixeira, deve ser sempre compreendido como elemento de uma semiosfera, capaz de produzir continuamente o deslocamento de signos “de um setor da cultura para outro”, ao apropriar-se de matrizes discursivas não literárias participantes também da mesma semiosfera.

Outra proposta interpretativa instigante de Teixeira concerne ao que ele denomina “a volubilidade de estilo” de “O alienista”, que se ligaria não apenas à inconstância das elites e dos que almejam o poder, inconstância essa evidente na variação elocutiva, mas também e sobretudo ao princípio “fragmentário de ordenação da matéria, próprio à diagramação das folhas” do periódico em que foi publicado, intervindo, aqui, a materialidade do suporte no âmbito próprio da forma e da significação.

Quando se fala de Machado de Assis no livro de Teixeira, não se deve enganar o leitor pensando que se trata do homem de carne e osso cuja obra se procura interpretar por relação a uma psicologia ou a uma biografia. O autor, em Teixeira, é invenção da obra, já que “os traços do estilo e as ousadias da invenção operadas na arte geram a imagem que se toma como se fosse o autor”. Segundo Teixeira, as relações sígnicas no texto de arte e destas com os campos discursivos de que a obra é coetânea e de que ela se apropria são condição para a produção da significação mais do que qualquer suposta

relação da obra com uma biografia ou psicologia. O autor, então, é a manifestação discursiva de repertórios coletivos de seu tempo e, ao mesmo tempo, é produto do conjunto de leituras de sua obra que o constituem historicamente no âmbito da recepção.

Teixeira avalia ainda a importância da publicação de textos machadianos em jornal, como, por exemplo, *A Estação*, asseverando que — contrariamente a críticos como Lúcia Miguel Pereira, que criam estar Machado de Assis muito à frente de seu tempo, não escrevendo de modo condescendente para leitores situados historicamente, mais especificamente para um leitorado seu contemporâneo, constituído, sobretudo, de mulheres leitoras de jornais de perfil feminino um pouco ou muito inepto — não se pode sequestrar Machado de Assis do circuito em que suas obras ganharam sua primeira significação, sendo necessário analisar, como ele o faz, o papel da imprensa na produção literária do Segundo Reinado. Teixeira argumenta a favor do papel formativo de um leitorado crítico feminino por meio dos escritos machadianos, propiciando “O alienista” as condições para que as mulheres das elites refletissem sobre problemas contúndes do tempo, como, por exemplo, relações entre a Igreja e o Estado moderno e o poder sócio-político da emergente psiquiatria.

Em “O alienista” pode-se observar o entrecruzamento de campos discursivos, já que, se o jornal prescreve a necessidade de elegância, prevê, por outro lado, certa parcimônia nos dispêndios com moda, bastando para ser elegante a posse de uns cinco conjuntos para as senhoras. Em “O alienista”, a mulher de Simão Bacamarte é internada por excesso de vaidade, depois de comprar 37 vestidos. A apropriação de referenciais discursivos de variada natureza pela ficção é constante no escrito machadiano, sem o quê, não se pode compreender perfeitamente o sentido do livro ao tempo de sua primeira recepção. Esse mesmo entrecruzamento de discursos jornalísticos e literários pode ser apreendido em seção de “O alienista” que prescreve o comedimento no falar, sem exageros elocutivos, o que se vê também em editorial de *A Estação* datado de 31 de janeiro de 1881. A busca desses entrecruzamentos é recurso constante da interpretação de Teixeira, o que evidencia a correlação entre sistema literário e a semiosfera que lhe é contemporânea. Desse modo, Dona Evarista seria um contraexemplo da elegância, fundada no dispêndio racional e no gosto, a que se oporia o luxo desordenado. Tanto o jornal como “O alienista” propoem, portanto, às leitoras de *A Estação* imagens suas que elas deveriam esforçar-se por interiorizar.

Pode-se desse modo dizer que “O alienista” dialoga incessantemente com as outras seções do jornal em que foi publicado.

O livro de Teixeira ainda propõe o resgate de uma reflexão sobre o gênero “conto” a partir de uma reflexão sobre ele desempenhada tanto por Edgar Allan Poe

---

quanto por Machado de Assis, que, segundo Teixeira, teria lido os escritos de Poe concernentes à prática da escrita de contos.

Por fim, cabe dizer que o livro de Teixeira representa uma importante contribuição ao estudo do *corpus* machadiano, ao propor uma análise histórica de “O alienista”, sem descurar, ao mesmo tempo, de uma consideração sobre a natureza da *ficção* no século XIX.